

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Roberta Leistner Segal

A educação não formal nos movimentos juvenis judaicos:
uma reflexão acerca das influências dos kibutzim

Porto Alegre
1º Semestre
2023

Roberta Leistner Segal

A educação não formal nos movimentos juvenis judaicos:
uma reflexão acerca das influências dos kibutzim

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Luciana Fernandes Marques

Porto Alegre
1º Semestre
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos André Bulhões Mendes (Reitor)

Patricia Pranke (Vice-Reitora)

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Liliane Giordani (Diretora)

Aline Cunha (Vice-Diretora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Sérgio Roberto Kieling Franco (Coordenador)

Samuel Edmundo Lopez Bello (Vice-Coodenador)

Leistner Segal, Roberta

A educação não formal nos movimentos juvenis judaicos: uma
reflexão acerca das influências dos kibutzim / Roberta

Leistner Segal. -- 2023.

41 f.

Orientadora: Luciana Fernandes Marques.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação,
Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. kibutzim. 2. movimentos juvenis. 3. educação não formal.
4. Israel. I. Fernandes Marques, Luciana, orient. II.

Título.

Roberta Leistner Segal

A educação não formal nos movimentos juvenis judaicos:
uma reflexão acerca das influências dos kibutzim

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de "Pedagoga" e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia, obtendo conceito **A**.

Porto Alegre, 05 de Abril de 2023.

Prof.^a Dra. Liliane Ferrari Giordani
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Luciana Fernandes Marques
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Rosana Aparecida Fernandes
Membro da Banca Avaliadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Ilana Finkielsztejn Eilberg
Membro da Banca Avaliadora

AGRADECIMENTOS

A frase da epígrafe deste trabalho tem me acompanhado por toda minha jornada, e agora, chegando ao fim de mais um ciclo da minha vida, parece fazer cada vez mais sentido. Refletindo sobre tudo que já passei para chegar aqui, eu sou grata pelas muitas pessoas especiais que me acompanharam nessa caminhada e tornaram possível a realização deste sonho. Não poderia encerrar este ciclo sem agradecer a cada um de vocês.

Primeiramente, agradeço a minha família, que sempre esteve presente em todos os momentos da minha vida. Obrigada por serem minha rede de apoio, e por me proporcionarem o crescimento em um ambiente de amor, respeito e união. Aos meus pais, Sandra e Jair, que me criaram com muito amor e dedicação, sou eternamente grata por tudo o que fizeram e ainda fazem por mim. Obrigada por serem meus melhores amigos, confidentes e incentivadores. Agradeço por acreditarem em mim, mesmo quando eu mesma duvidava. Vocês me guiaram e me inspiraram a ser uma mulher independente, forte e crítica. Obrigada por nunca soltarem a minha mão e por fazerem o possível e impossível para que eu realizasse todos os meus sonhos. As minhas conquistas e realizações também são de vocês.

À minha irmã Deborah, obrigada por ser minha parceira de vida e minha melhor amiga. Apesar da distância física, sempre mantivemos nosso amor e cumplicidade. Obrigada por se fazer presente, mesmo de longe.

À minha querida avó Berta, que foi, e ainda é, a minha grande inspiração para seguir a carreira de professora. Obrigada por ser minha maior apoiadora desde o início, me incentivando a estudar e me tornar uma profissional de excelência. Se hoje sou uma professora dedicada, comprometida e apaixonada pelo que faço, devo muito a ela. Agradeço por todo o amor, carinho, sabedoria e ensinamentos que ela me proporcionou ao longo dos anos.

Aos meus amigos que estão do meu lado desde sempre, construindo relações, me levantando nos deslizes e vibrando as conquistas comigo desde que me conheço por gente. Cada um de vocês tem um papel muito importante na minha vida e um lugar especial no meu coração. São aqueles que eu sei que posso contar sempre, independentemente da situação. Obrigada por me apoiarem em todos os momentos.

Aos amigos que a faculdade de educação me deu, que compartilham alegrias, angústias, realizações e tudo ao meu lado nesses mais de quatro anos de faculdade. Não tenho palavras para expressar a gratidão que sinto por ter conhecido cada um de vocês. Juntos, enfrentamos os desafios acadêmicos e pessoais que surgiram ao longo desses anos e sempre encontramos força e motivação uns nos outros. Agradeço por construírem comigo essas relações de confiança, afeto e reciprocidade, que tenho certeza que irão perdurar por muitos anos.

À minha professora e orientadora Luciana, que me acolheu e me ajudou desde o início dessa longa jornada de TCC, sempre me motivando e me ajudando em tudo que fosse preciso. Você foi mais do que uma orientadora. Obrigada por acreditar em mim, por me desafiar a ir

além do que achava possível e por me lembrar sempre de que eu sou capaz. Nada disso seria possível sem ti.

Ao meu companheiro, Gabriel, que há 6 anos partilha uma vida comigo, acompanhando todos os meus processos e me incentivando nos momentos que me falta coragem. Obrigada por acreditar em mim e por me apoiar em todas as minhas escolhas. Agradeço por me encorajar a sempre buscar a minha melhor versão.

A todos os meus professores que ao longo da minha vida escolar e acadêmica me inspiraram a ser uma pessoa e profissional melhor. Agradeço por compartilharem comigo seus conhecimentos e por me motivarem a buscar sempre mais. Cada um de vocês deixou uma marca na minha vida e me ajudou a construir minha identidade como educadora.

À UFRGS e à faculdade de educação que me permite viver esse sonho, mostrando cada vez mais o poder de uma universidade pública, de qualidade e excelência. Obrigada por formar profissionais críticos e engajados para um mundo e uma sociedade mais justa. Agradeço por me acolher e me proporcionar as ferramentas necessárias para me tornar a profissional que sou hoje.

Por fim, gostaria de realizar um agradecimento especial ao movimento juvenil judaico Habonim Dror, que faz parte da minha vida desde os oito anos de idade. Ambiente esse que me acolheu desde o primeiro contato, me proporcionou os melhores momentos da minha vida e é uma parte fundamental da minha história. O Dror me acolheu, me ensinou e me inspirou de muitas maneiras. Foi lá que eu encontrei amigos para a vida toda, e onde aprendi a amar e valorizar a cultura judaica. O Dror me tornou uma pessoa mais criativa, crítica e engajada, me ensinando a lutar por aquilo que acredito. Foi lá também que descobri minha paixão pela educação, escolhendo seguir isso como profissão. Não há dúvida de que eu não seria quem sou hoje sem o Dror. Agradeço de coração a todos os membros do movimento que cruzaram meu caminho e me proporcionaram as melhores experiências da minha vida.

Mais uma vez, agradeço a todas as pessoas que me acompanharam durante essa caminhada e em todas as outras, às quais devo grande parte das minhas conquistas. Obrigada por me inspirarem, me motivarem e me ajudarem a chegar até aqui. Que possamos seguir juntos em mais uma jornada de aprendizado e crescimento. Vocês fazem parte da minha história.

"Lechol sium iesh hatchalá chadashá"
(para todo fim, há um novo começo).

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa de campo que tem como objetivo descrever o panorama atual dos kibutzim em Israel e os seus antecedentes históricos, analisando sua influência em movimentos juvenis judaicos no que tange à educação não formal, visando elucidar suas principais contribuições para a formação destes jovens. A pesquisa é baseada em uma estratégia de pesquisa qualitativa, utilizando coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise documental. Os dados coletados foram analisados por meio de análise de conteúdo. O estudo busca relacionar a constituição do Estado de Israel, a construção dos kibutzim e o surgimento dos movimentos juvenis, a fim de construir um diálogo sobre as intersecções desses marcos. O trabalho permitiu identificar elementos relevantes para compreender como as práticas de educação não formal são incentivadas e aplicadas na rotina dos residentes dessas comunidades, fornecendo informações ricas e diversificadas para a pesquisa. Como questão de pesquisa, a pesquisa buscou responder qual a influência dos Kibutzim dentro dos movimentos juvenis, no que tange à educação não formal. As conclusões obtidas demonstram que os kibutzim apresentam uma estrutura social que pode contribuir significativamente para a formação de jovens comprometidos com valores e práticas sociais relevantes.

Palavras-chave: kibutzim; movimentos juvenis; educação não formal; Israel.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População do kibutz

26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Objetivos	12
1.1.1	Objetivo Geral	12
1.1.2	Objetivos específicos	13
1.2	Questão de pesquisa	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	A constituição do Estado de Israel e a cultura judaica	14
2.2	Os kibutzim	16
2.3	O Habonim Dror, Movimento Juvenil Judaico e a educação não formal	17
3	METODOLOGIA	19
3.1	Método de coleta de dados	19
3.1.1	Roteiro de entrevista	20
3.2	Participantes	20
3.3	Procedimentos	21
3.3.1	Procedimentos éticos	21
3.4	Análise dos dados	21
4	APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO	23
4.1	Breve histórico dos kibutzim	23
4.2	O que são e como funcionam os kibutzim	26
4.3	Percepção da vivência no kibutz	29
4.4	Movimentos juvenis e educação não formal	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	39
	APÊNDICE B – Roteiro de entrevista	41

1 INTRODUÇÃO

A ideia deste trabalho partiu da experiência pessoal de proximidade com a cultura judaica desde a infância. Por ter estudado em um colégio judaico e também por ter participado de um movimento juvenil da comunidade judaica internacional, fui me interessando pelo tema. Durante minha formação escolar, tive a oportunidade de vivenciar dois anos em Israel que contemplaram um ano em uma escola de Ensino Médio e um ano em um programa de formação de líderes comunitários. Esses dois pilares — o contato com a tradição e a cultura judaica em um ambiente de diáspora e a vivência dessa realidade através de uma imersão no dia a dia de um país como Israel — despertaram o interesse na área da educação, culminando com o meu ingresso no curso de Pedagogia da UFRGS e com o início de carreira como professora de Cultura Judaica, no mesmo colégio onde tive minha formação escolar durante a infância e adolescência.

Israel é um país do Oriente Médio, localizado às margens do Mar Mediterrâneo, que possui territórios considerados santos por judeus, cristãos e muçulmanos. Desse modo, a sociedade israelense pode ser considerada uma sociedade complexa, com tensões entre Estado, religião e os direitos culturais de judeus e árabes. Embora banhado por conflitos de ordem política, religiosa e social, desde a sua independência, em 1948, Israel não abriu mão do seu principal objetivo de construir uma sociedade igualitária com vistas ao bem comum. Uma das melhores expressões desse ideal foi a criação dos kibutzim. "Kibutz" em hebraico vem da palavra "grupo" e tem como coletivo a palavra "kibutzim". De acordo com Souza e Francisco (2005), se caracteriza como uma comunidade democrática socialista onde seus membros vivem e trabalham em conjunto, compartilhando valores e tarefas, e visando sua subsistência.

Os primeiros Kibutzim surgiram no território onde hoje é o Estado de Israel, no final do século XIX, quando a região ainda pertencia ao Império Turco-Otomano, dando início ao movimento de retorno de judeus para a Palestina. Em sua origem, esses grupos tinham como objetivo comum o desenvolvimento do Estado de Israel, sendo seus membros jovens judeus oriundos de movimentos juvenis, em sua maioria do leste europeu.

Os movimentos juvenis surgiram da necessidade dos jovens judeus da diáspora de se reunirem e se organizarem de acordo com seus ideais. Porém, todos possuíam um objetivo maior: a criação de um Estado judeu. Em um ambiente voluntário, tal objetivo era cumprido

por meio de atividades e rodas de conversa movidas pela educação não formal: jovens educando jovens, visando dar continuidade à cultura de origem.

Em muitos países os judeus são minoria, fazendo com que ocorra uma adaptação a outras culturas e ao diálogo intercultural e interreligioso. Apesar de terem sido formados por ideias sionistas, os movimentos juvenis atuais se adaptaram a uma realidade da diáspora, visando a manutenção do Estado de Israel e das comunidades judaicas fora dele. Mantendo seu caráter social, esses grupos trabalham em prol do fortalecimento de uma identidade judaica ao redor do mundo, mesmo que imersos em outras culturas.

Durante o período em que morei em Israel, pude vivenciar e observar de perto o funcionamento dos kibutzim nos tempos atuais, e foi possível relacionar diretamente a algumas características que percebi ao longo da minha experiência trabalhando voluntariamente em movimentos juvenis. A partir da minha prática como professora de Cultura Judaica, relacionei a importância dos kibutzim com a educação em geral e com a educação não formal de jovens em particular. Muito do que é vivido nos kibutzim é reproduzido nas atividades do movimento juvenil. As características dos movimentos juvenis judaicos fazem deles espaços únicos de protagonismo e desenvolvimento de lideranças.

De acordo com o exposto acima, o objetivo deste trabalho é descrever o panorama atual dos kibutzim em Israel e alguns dos seus antecedentes históricos, analisando sua influência em movimentos juvenis judaicos, no que tange à educação não formal visando elucidar suas principais contribuições para a formação desses jovens.

1.1 Objetivos

Abaixo, o objetivo geral, os objetivos específicos e a questão de pesquisa de forma sintética.

1.1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é descrever o panorama atual dos kibutzim em Israel e alguns dos seus antecedentes históricos, analisando a sua influência em um movimento juvenil judaico, no que tange à educação não formal visando elucidar suas principais contribuições para a formação desses jovens.

1.1.2 *Objetivos Específicos*

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- a) analisar as influências/impactos dos kibutzim nos movimentos juvenis judaicos em geral e no movimento Habonim Dror em particular, no que tange à educação não formal
- b) caracterizar elementos de educação não formal em comum dentro dos movimentos juvenis judaicos
- c) caracterizar a educação não formal em Israel e suas relações com os Kibutzim

1.2 *Questão de pesquisa*

De forma ampla, pretende-se responder como questão de pesquisa: qual a influência dos Kibutzim dentro dos movimentos juvenis, no que tange à educação não formal?

Essa questão é oriunda da importância observada dos movimentos juvenis na formação de lideranças jovens, proporcionando espaços de protagonismo a esse público. Outro ponto a ressaltar é a alta adesão dos jovens a esses movimentos, o que nos permite indagar quais são as características presentes nos kibutzim e nos movimentos juvenis, que mostram esse sucesso dentro da educação não formal e que podem ser replicados em outros espaços educacionais. Como trabalho acadêmico, é importante entender os detalhes e bastidores da organização dos kibutzim e dos movimentos juvenis que fazem com que sejam um sucesso em um tema pouco explorado academicamente.

Pretende-se, a partir deste estudo, relacionar os elementos desses ambientes com a educação de jovens em vários contextos, mostrando a importância da educação não formal e por que os jovens são tão motivados nesses espaços. Quanto à relevância social, considera-se importante observar como se pode fortalecer grupos de jovens na entrada da vida adulta para que tenham motivação, propósitos e valores, engajando-se numa vida adulta de cidadania.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os principais tópicos abordados neste estudo buscam sintetizar fatos históricos e relacionar a constituição do Estado de Israel, a construção dos kibutzim e o surgimento dos movimentos juvenis, a fim de construir um diálogo sobre as intersecções desses marcos.

2.1 A constituição do Estado de Israel e a cultura judaica

A constituição do Estado de Israel pode ser encarada como profundamente relacionada com a cultura judaica e com o que se chama de sionismo. Segundo Puosso (2021, p. 13), "O termo 'Sionismo' deriva de 'Sião' — o nome bíblico de uma das colinas de Jerusalém que se tornou um sinônimo para a Terra de Israel.". Em sua tese, a autora destaca que (2021, p.13):

O sionismo é o movimento nacionalista secular surgido na Europa Central e Oriental no final do século XIX. O objetivo era o renascimento nacional do povo judeu em sua casa ancestral, após quase dois mil anos de exílio, sendo que visava proporcionar uma resposta ao "problema judeu", que surgiu como resultado de dois fatores básicos: os judeus estavam dispersos em vários países ao redor do mundo, e em cada país, eles constituíam uma minoria.

As constantes perseguições e discriminações contra os judeus tinham como consequência a dispersão do povo para os mais diversos locais do mundo. Apesar do formalismo legal a partir da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 e da tentativa de aproximação com o nacionalismo, os judeus seguiam como minoria em todos os lugares que habitavam e sem um local de referência, afastando-os do sentimento de pertencimento e identidade. Shlomo Avineri escreve no livro *Fragments de memória*):

Não foi apenas a partir do final do século XIX que os Judeus começaram a experimentar atitudes hostis por parte da sociedade majoritária ao seu redor. A história judaica é a crônica de uma discriminação que teve início muito antes da aparição do racismo antisemita do século XIX. Os Judeus foram perseguidos por visigodos e bizantinos, massacrados pelas cruzadas, expulsos da Inglaterra, França e traumaticamente da Espanha e Portugal. Foram impedidos de residir nas cidades do Santo Império Romano, forçados à conversão em Portugal e na Pérsia, obrigados a usar roupas que os distinguiam dos outros e impedidos de preencher funções no serviço público na Itália cristã e no Marrocos muçulmano. Em todos esses casos os judeus reagiram com resignação emigrando para outros países, mas não para a Terra de Israel. (AVINERI, 2010, p. 11)

Assim, entende-se que a constituição do Estado de Israel surgiu de uma necessidade de segurança, pertencimento e identidade em função dos ataques sofridos como acima exposto. Os judeus buscavam um espaço em que pudessem viver sem perseguições e

massacres, podendo praticar a religião judaica sem a necessidade de assimilação ou distanciamento da mesma. Avineri diz que:

Além disso, durante os dezoito séculos de exílio, a conexão com a Terra de Israel esteve presente no sistema de valores e na consciência coletiva das comunidades judaicas espalhadas pelo mundo. Não fossem esses laços tão fortes, e não havendo os judeus considerado a Terra de Israel como sua, tanto em relação a seu passado como a seu futuro, o judaísmo teria se transformado em uma simples comunidade religiosa, perdendo seus elementos étnicos e nacionais. (AVINERI, 2010, p. 11)

Assim como esses outros autores, De Paula (1996, p. 22) reforça que "a Diáspora dispersou a população judaica pelo mundo todo, até fins de século XIX, quando se iniciou o retorno, mais precisamente em 1870". No texto de Puosso (2021, p. 18) a solução para esse problema constante enfrentado pelo povo judeu se mostrou pela necessidade de um lugar para recomeçar, onde os judeus pudessem ter seus direitos fundamentais garantidos e fossem um povo independente.

A construção do Estado de Israel se deu por um processo lento e, ao contrário do que se discute em diversos meios e da apropriação desse país como um elemento de discurso político, foi construído e fundado por imigrantes, em sua maioria com ideias socialistas e coletivistas. Segundo Puosso,

Do final do século XIX até 1947, meio milhão de pessoas fizeram a aliyah (palavra em hebraico que designa a imigração para a Palestina ou Israel). Seu objetivo: criar um Estado judaico, derradeiro refúgio contra as perseguições e a intolerância que pontuaram a história dos judeus, em especial na Europa e desde a Idade Média, mas também no mundo e há muitos milênios. (PUOSSO, 2021, p. 19)

Impulsionados por esse vínculo histórico e tradicional, os judeus buscavam em cada geração restabelecerem-se em sua pátria ancestral. Nas últimas décadas, eles retornaram em massa, estabelecendo uma sociedade próspera, que controlava sua economia e cultura própria. A Segunda Guerra Mundial, que resultou no massacre de milhões de judeus na Europa, foi mais uma demonstração clara da urgência de resolver o problema da falta de um Estado judeu. Assim, sobreviventes do holocausto nazista na Europa, bem como judeus de outras partes do mundo, continuaram imigrando para Israel superando dificuldades, restrições e perigos, e exigindo seu direito de liberdade, trabalho e de uma vida digna.

No ano de 1947, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou uma resolução que previa o estabelecimento de um Estado judeu. Assim, Israel teve sua independência declarada em Maio de 1948. Entende-se que a questão judaica é muito mais profunda do que somente o problema territorial, sendo também uma questão identitária, de pertencimento e busca de estabilidade em relação ao passado. Os conflitos internos e externos permanecem latentes.

Ainda assim, a busca pela paz é um tema constante e muito caro para a sociedade israelense e para os judeus da diáspora.

2.2 Os kibutzim

O livro *Realidades de Israel* (HIRSCH, 1999), elaborado por diversos autores e tendo como redatora Ellen Hirsch, apresenta a sociedade Kibutziana como fruto da sociedade pioneira do início do século XX, sendo inicialmente constituída por um estilo de vida rural permanente, baseado em princípios igualitários e comunais. No período anterior à independência e durante os primeiros anos do Estado, suas funções centrais eram a colonização, imigração, defesa e agricultura. À medida que o governo passou a assumir essas atividades, essas funções perderam sua força dentro da sociedade israelense.

Com o passar dos anos, os kibutzim deixaram de exercer uma atividade essencialmente agrícola, expandindo-se nos ramos industriais e de prestação de serviços, o que contribuiu de forma relevante no estabelecimento e construção do Estado de Israel. A redatora do livro citado acima coloca que o kibutz atual é o resultado do esforço de três gerações. A primeira delas, a geração fundadora, era motivada por fortes convicções e uma ideologia definida, gerando uma sociedade que possuía um modo de vida singular. Os filhos desses fundadores, ou segunda geração, nasceram nessa estrutura, trabalharam de forma incansável para consolidar as bases econômicas, sociais e administrativas de sua comunidade. Já a geração que cresceu numa sociedade próspera e estável, enfrenta os desafios da vida moderna.

Segundo De Paula (1996, p. 35), "em Israel, a terra pertence ao Estado: não se pode vender ou especular; a terra existe para ser trabalhada". Assim, as escolas agrícolas de dentro dos kibutzim procuram aplicar princípios para que, através do trabalho, os alunos adquiram autoconfiança. Além disso, De Paula complementa que, diferentemente de outros países, a valorização do trabalho agrícola em Israel gerou diversas mudanças na educação:

esta deve preparar para um mundo diferente, onde agricultura passa de fim (produção de alimentos) para meio — ser um ambiente sadio, que ajude a criança a ganhar auto estima através de seu trabalho pessoal. (DE PAULA, 1996, p. 35)

A autora caracteriza o kibutz como "uma sociedade voluntária que agrega muitas pessoas em torno de um objetivo comum e nela não existe oligarquia: todos os membros tomam democraticamente suas decisões". De acordo com ela, "como comunidade socialista

(anticapitalista) o kibutz estabelece igualdade de oportunidades e possibilidades" (DE PAULA, 1996, p.36). É possível sintetizar o funcionamento do kibutz através da máxima "cada um dá o que tem e recebe o que necessita". Ademais, de acordo com o sistema econômico vigente no kibutz, o indivíduo não possui bens, mas pode usufruir deles de acordo com as suas demandas. Por exemplo, as famílias recebem uma casa conforme as necessidades, idades e quantidade de membros na família.

De acordo com Oz,

O kibutz muda um pouco as disposições da sociedade, mas a natureza humana não se modifica, e essa natureza não é fácil. Não se pode abolir, de uma vez por todas, a reles inveja e a mesquinhez numa votação em instituições do kibutz. (OZ, 2014, p. 122)

Isso demonstra, na opinião do autor, que apesar das ideologias e convicções dentro dessas sociedades, o fator humano pode interferir na tomada de decisões de um grupo e que, mesmo tendo uma estrutura bem organizada, as dissidências ocorrem.

2.3 O Habonim Dror: Movimento Juvenil Judaico e a educação não formal

A modernidade, a ascensão de um mundo capitalista e o aparecimento de grandes cidades deu origem à emancipação da juventude, que mostrou a expressão do ideal que esta tinha para si. Desse modo, os jovens começaram a determinar o seu próprio caminho e se caracterizar como um grupo que possui seus próprios interesses. A juventude não queria mais que fosse indicada sua rota pelos adultos, mas sim ela mesma decidir sua ação. Sendo assim, surgiram diversos movimentos de jovens que queriam mudar o estado das coisas reinantes em seus países.

Devido à crescente discriminação e exclusão dos judeus em várias áreas da sociedade, os jovens judeus sentiram a necessidade de criar seus próprios movimentos para se expressarem livremente e explorar sua identidade judaica. A exclusão dos judeus de muitos movimentos juvenis era resultado da influência do anti-semitismo, nacionalismo e fascismo que predominavam na Europa na época. Assim, os judeus formaram seus próprios movimentos para se organizarem e expressarem seus interesses e ideias. O primeiro movimento judaico, Blau-Weiss (Azul-Branco), surgiu em 1912 na Alemanha em resposta a essa exclusão. Esse movimento se preocupou em introduzir novas formas de celebrar festas judaicas ao ar livre e um interesse no idioma hebraico. Após dez anos de existência do mesmo, foi decidido estabelecer-se uma preparação para os jovens do movimento direcionada

à Palestina e aprofundando-se, principalmente, na agricultura. Decidiu-se, também, adotar uma participação ativa na política sionista. Esse movimento se espalhou por diversos países até se dissolver em 1929. De acordo com Pinsky:

No movimento sionista já havia uma "tradição" com relação à participação de jovens: a maioria dos pioneiros da II aliá tinha por volta de 20 anos e um passado de descontentamento e lutas políticas (não só a favor do socialismo, como também contra as tendências burguesas dominantes no movimento sionista e na comunidade judaica de sua época), ao chegarem a Eretz Israel, organizaram-se em grupos para enfrentar os problemas da nova terra (como a conquista do trabalho e a formação de colônias). (PINSKY, 1999,p. 105)

O movimento juvenil judaico que hoje se chama Habonim Dror (Construtores da Liberdade) nasceu após a Primeira Guerra Mundial, na Rússia e na Polônia. Os jovens tomaram sobre si o pesado encargo da volta a Israel e regeneração da independência judaica nesse país. No livro *Pássaros da liberdade* (PINSKY, 1999, p. 105), a autora relata que "Nessa época, estruturaram-se os movimentos juvenis sionistas socialistas com o objetivo de educar jovens judeus, assegurar a continuidade do fluxo migratório para Israel mantendo viva a ideologia pioneira".

O Habonim Dror expandiu-se pela Europa, fundando centenas de sedes em lugares em que a juventude judaica sentia-se responsável pelo destino do seu povo. Foram esses os jovens pioneiros a lutar pela reconquista de Israel e pela fundação dos kibutzim. Atualmente, o Habonim Dror é um movimento juvenil mundial, com sede em mais de 20 países. No Brasil, está presente em 10 estados e caracteriza-se como um ambiente judaico, para além dos ambientes formais — como escolas, sinagogas e clubes. Muitas vezes, encontra-se como espaço único de contato com o judaísmo e o sionismo em comunidades assimiladas, com cada vez menos espaços judaicos para além do círculo familiar. O movimento se vê responsável por uma educação judaica não formal, visando fortalecer a identidade judaica e formar jovens com pensamento crítico e engajamento social.

3 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma pesquisa de campo, utilizando uma estratégia de pesquisa qualitativa. A escolha dessa estratégia se deve ao fato de que foram encontrados poucos estudos que abordam os temas a serem estudados de forma conjunta. O objetivo é conhecer as percepções e relatos de quatro pessoas que viveram no contexto a ser estudado, bem como examinar fontes documentais e públicas, tais como podcasts, websites, materiais oriundos de grupos de estudos e discussão, além de uma observação de campo em um kibutz. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise documental. Os dados coletados foram analisados por meio de análise de conteúdo, de forma a identificar as principais temáticas que emergiram da pesquisa. A discussão dos resultados foi realizada a partir da análise teórica e conceitual das temáticas identificadas, bem como das percepções e relatos dos participantes. Barros & Lehfeld afirmam que:

A observação como uma das técnicas de coleta de dados imprescindível em toda pesquisa científica. Observar significa aplicar atentamente o sentido a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso. Da observação do cotidiano formulam-se problemas que merecem estudo. A observação constitui-se, portanto, a base das investigações científicas. (BARROS & LEHFELD, 2000, p. 53)

Dessa forma, considera-se a observação a base deste estudo pois permite ao pesquisador uma ampla abertura para todas as fontes de informação presentes no seu contexto durante o período de investigação.

3.1 Método de coleta de dados

O principal método de coleta de dados foi a partir de entrevistas semiestruturadas (conversas com amigos e conhecidos que residem ou residiram em Israel). De acordo com DiCicco-Bloom e Crabtree (2006, p. 315), a entrevista semiestruturada é comumente organizada em torno de um conjunto de questões abertas pré-determinadas, com outras questões emergindo a partir do diálogo entre entrevistador e entrevistado. Essa abertura ao diálogo propiciou o surgimento de tópicos não previstos e que enriqueceram os dados.

A maioria das entrevistas foram feitas de modo on-line, em razão da distância geográfica entre a pesquisadora e os entrevistados. As entrevistas foram gravadas e transcritas com o consentimento dos participantes. Além das fontes de dados mencionadas anteriormente, também foi realizado um trabalho de campo para coletar informações diretamente de um kibutz. Foi realizada uma visita a um kibutz em Israel e feita uma entrevista com um casal que reside no local, com o objetivo de obter uma compreensão mais aprofundada da rotina e das práticas culturais e educacionais adotadas pelos moradores. Esse trabalho de campo forneceu informações valiosas e complementares aos dados obtidos por outras fontes de pesquisa como as entrevistas e a análise de um episódio de podcast. Além disso, uma parte dos dados da pesquisa foram provindos de outras fontes, a partir da coleta de informações provenientes de bases de dados e fontes documentais e públicas, citadas anteriormente.

3.1.1 Roteiro da entrevista

Abaixo, os principais tópicos abordados na entrevista (ver de forma completa em Roteiro de Entrevista no APÊNDICE B):

- a) Como foi a sua experiência de viver e/ou crescer em um kibutz? Você estudou lá? Como você acha que a evolução histórica dos kibutzim influenciou (e se influenciou) a educação atual em Israel?
- b) Qual a influência/inter-relação dos Kibutzim na educação não formal dentro dos movimentos juvenis?
- c) Como o contexto histórico de Israel influenciou a educação comunitária que se tem hoje?

3.2 Participantes

Quatro pessoas foram entrevistadas, que foram escolhidas com base nos seguintes critérios:

- a) que tenham vivido ou que residam em kibutzim;
- b) que tenham participado de movimentos juvenis judaicos;
- c) que possam descrever o contexto e responder as perguntas de pesquisa.

A escolha do número exato de entrevistados se deu pelo método de saturação dos dados, que, de acordo com Nascimento et al. (2018, p. 247): "Em pesquisas qualitativas, a identificação da saturação teórica é um critério determinante para a interrupção da coleta de dados e definição do tamanho da amostra". Quando os dados coletados já se mostraram ricos o suficiente para a análise, a coleta foi interrompida.

3.3 Procedimentos

Os entrevistados foram contatados por email ou por WhatsApp e foram informados dos objetivos do estudo, e, ao concordarem, receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). A partir disso, foram agendadas entrevistas on-line que foram gravadas e transcritas.

Durante a entrevista foram feitas as perguntas anteriormente elencadas, deixando os entrevistados à vontade para responderem ou comentarem. Além da coleta de dados através das entrevistas, foi analisado um episódio de podcast veiculado na plataforma Spotify que abordava os temas em questão. Os dados presentes no podcast foram incorporados à análise, juntamente com os dados coletados por meio das entrevistas. Ademais, foi realizada uma visita guiada de quatro horas a um kibutz, a fim de propiciar uma compreensão mais aprofundada da rotina e das práticas culturais e educacionais adotadas pelos habitantes dessas comunidades. Esta abordagem metodológica possibilitou uma compreensão mais abrangente e embasada sobre os aspectos estudados.

3.3.1 Procedimentos éticos

As condutas de proteção, sigilo e confidencialidade dos dados foram realizadas tendo os nomes dos entrevistados alterados. Os mesmos foram informados dos objetivos do estudo, da gravação da entrevista, e, ao concordarem, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). As gravações das entrevistas foram transcritas e serão descartadas 5 anos após a entrega do TCC .

3.4 Análise dos dados

Os dados provindos das entrevistas e dos materiais de outras fontes foram submetidos à análise de conteúdo conforme Marques (2021) e Bardin (1977), criando categorias a partir

dos objetivos de estudo. O método visa facilitar a organização dos dados em categorias que funcionam como eixos temáticos, respondendo aos objetivos do estudo e mantendo a possibilidade de novas categorias que surjam durante a entrevista.

Num primeiro momento da análise, há leitura livre e flutuante para assimilar o conteúdo das falas. Após, os tópicos das perguntas são listados e, posteriormente, todas as sentenças relativas a eles são então listadas e aglutinadas por temas. Ao final, as sentenças são organizadas em subcategorias.

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO

A cronologia das entrevistas realizadas neste estudo seguiu uma sequência de quatro etapas. A primeira entrevista foi conduzida com um homem, de modo on-line, e teve a duração de 30 minutos, sendo gravada e posteriormente transcrita. A segunda fonte de dados consistiu no episódio 70 do podcast "E eu com isso?", intitulado "Vida de Kibutz" , com duração de 33 minutos e produzido pelo Instituto Brasil-Israel (IBI). Para a sua identificação, utilizou-se a plataforma Spotify e o termo de busca "kibutz". Essa fonte de dados foi selecionada em virtude de seu conteúdo informativo acerca do histórico dos kibutzim. A terceira entrevista foi realizada on-line com outro homem, enquanto a quarta e última etapa foi a visita a um kibutz em Israel, onde foi realizada uma entrevista presencial com um casal. Essa viagem ocorreu em função de compromissos profissionais e foi aproveitada a oportunidade de acrescentar a visita à pesquisa de campo deste trabalho.

As quatro pessoas entrevistadas são moradoras ou ex-moradoras de kibutzim, sendo três homens e uma mulher, com idades entre 30 e 55 anos. Três deles fizeram parte de movimentos juvenis judaicos (e, como todos os outros, saíram em torno dos 21 anos) e as duas entrevistas realizadas pela plataforma Zoom duraram, em média, 30 minutos.

Além das entrevistas, outros materiais foram consultados para a análise dos dados, tais como documentos históricos e o Estatuto do Movimento Juvenil Habonim Dror, que serão referenciados quando necessário. Os dados estão organizados de acordo com as categorias estabelecidas em relação aos objetivos e à questão de pesquisa.

Assim, a análise dos dados possibilitou identificar elementos relevantes para compreender como as práticas de educação não formal são incentivadas e aplicadas na rotina dos residentes dessas comunidades. As entrevistas, associadas à análise de outras fontes documentais, contribuíram para uma compreensão mais completa e aprofundada do objeto de estudo, fornecendo informações ricas e diversificadas para a pesquisa. Em função da especificidade dos kibutzim, suas características e histórico serão aqui detalhados para um melhor entendimento do contexto em que se dá este estudo.

4.1 Breve histórico dos kibutzim

A criação dos kibutzim teve início com a chamada Segunda Aliá, um movimento de imigração judaica que teve início em 1904 e trouxe para a Palestina (na época, território sob o

domínio otomano) um grande número de judeus oriundos da Europa Oriental, em busca de melhores condições de vida e segurança. Esses imigrantes eram chamados de chalutzim, "pioneiros" em hebraico, e foram responsáveis pela fundação dos primeiros kibutzim.

Um dos principais ideais do movimento kibutziano era a construção de uma sociedade socialista, baseada na igualdade entre os seus membros e na cooperação mútua. A terra e os meios de produção eram propriedade coletiva dos membros do kibutz, e a distribuição dos bens produzidos era feita de forma equitativa, de acordo com as necessidades de cada um.

De acordo com o podcast, inúmeras comunidades agrícolas coletivas foram estabelecidas em Israel ao longo das décadas. O Instituto Brasil-Israel (IBI) estima que mais de 300 kibutzim tenham sido fundados no país desde a Segunda Aliá. Entre eles, aproximadamente 30 a 40 deles eram de cunho religioso, mas sempre em interação com o restante do movimento kibutziano. O primeiro kibutz a ser criado foi o Degania Alef, em 1909, quatro décadas antes da formação do Estado de Israel.

Ao longo dos anos, o movimento kibutziano enfrentou diversos desafios, como a crise econômica que afetou muitos kibutzim na década de 1980. No entanto, de acordo com Schultz (2018, p. 3), ainda existem cerca de 250 kibutzim ativos em Israel e o movimento continua sendo uma parte importante da cultura israelense. O kibutz é visto como um símbolo da luta pelo trabalho coletivo e pelo desenvolvimento da comunidade, bem como pelo fortalecimento da coesão social e da solidariedade entre os membros da sociedade.

Os kibutzim desempenharam um papel significativo no desenvolvimento de Israel desde sua fundação em 1948. Essas comunidades coletivas foram fundamentais na construção da nação, contribuindo para a economia e o trabalho do país. Além disso, os kibutzim foram pioneiros em diversas áreas, incluindo tecnologia, agricultura e indústria. Eles foram responsáveis pela criação de muitas invenções e inovações que tiveram um impacto positivo na economia de Israel. De fato, muitas empresas israelenses de sucesso têm raízes em kibutzim, como a empresa de tecnologia de gotejamento Netafim, que tem sua sede no Kibutz Hatzerim. Hoje, a Netafim é líder mundial em tecnologia de irrigação por gotejamento e opera em mais de 110 países, inclusive no Brasil, contribuindo para a produção de alimentos em todo o mundo. Outras empresas bem-sucedidas fundadas em kibutzim incluem a Check Point Software Technologies, uma das maiores empresas de segurança de rede do mundo, que teve origem no Kibutz Yakum, e a Ahava, empresa de cosméticos baseada em minerais do Mar Morto, fundada no Kibutz Ein Gedi. Os kibutzim também foram fundamentais na colonização

de terras que antes eram inóspitas e desabitadas. Através dessas contribuições, os kibutzim ajudaram a criar as bases para o sucesso econômico e social de Israel.

No contexto histórico de criação dos kibutzim, a educação era vista como uma ferramenta fundamental para formar cidadãos idealistas e conscientes de seu papel na construção de uma sociedade justa e igualitária. Nesse sentido, a educação kibutziana era concebida como um processo colaborativo, baseado em valores cooperativos e solidários, que buscava formar indivíduos críticos e engajados com as questões sociais e ambientais.

Um aspecto importante da educação nos kibutzim é a Casa das Crianças (Beit Ieladim), onde as crianças ficavam durante o dia e, em alguns casos, também dormiam. Esse modelo de educação visava liberar os pais para trabalharem na produção agrícola e industrial do kibutz, ao mesmo tempo em que as crianças recebiam uma educação integral e coletiva. A Casa das Crianças era geralmente administrada por educadores e professores, que ensinavam às crianças habilidades como cooperação, solidariedade e autonomia, além de proporcionar atividades recreativas e culturais. Embora o modelo da Casa das Crianças tenha sido modificado ao longo dos anos, a educação coletiva e integral ainda é uma característica importante da educação kibutziana, que busca formar cidadãos engajados e conscientes de seu papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Os kibutzim passaram por transformações significativas nas últimas décadas. Schultz afirma:

Na década de 1980 e 1990, muitos kibutzim declararam falência e milhares de membros do kibutz abandonaram. Em consonância com uma crescente tendência de individualismo em Israel e no mundo todo, esses ex-membros do kibutz procuraram novas oportunidades nas cidades israelenses, e alguns deixaram Israel completamente. (SCHULTZ, 2018, p. 2, tradução nossa)

Muitos kibutzim foram afetados por mudanças econômicas e sociais, e tiveram que se adaptar para sobreviver. Algumas comunidades adotaram uma abordagem mais capitalista (afastando-se dos ideais socialistas iniciais), mudando sua estrutura de propriedade e oferecendo serviços de alta qualidade para atrair novos membros. "O movimento kibutziano precisava se redefinir para sobreviver economicamente e atrair novos membros. E assim, no início do século XXI, 179 dos 270 kibutzim de Israel se privatizaram" (SCHULTZ, 2018, p. 2, tradução nossa).

Essas mudanças levaram a um aumento nos custos de vida, tornando o estilo de vida em um kibutz menos acessível para pessoas de baixa renda. No entanto, alguns kibutzim ainda mantêm uma visão socialista e comunitária. Embora essas comunidades possam

enfrentar desafios financeiros, elas permanecem comprometidas em promover valores como a igualdade e a cooperação. Alguns kibutzim também têm abraçado a sustentabilidade ambiental, adotando práticas agrícolas e de construção ecológicas. Essas comunidades continuam sendo importantes para a história e cultura de Israel e oferecem uma visão única do modo de vida coletivo em um mundo cada vez mais individualista.

A tabela abaixo apresenta a população nos kibutzim ao longo dos anos, dividida em número de kibutzim e população total. A tabela tem como objetivo apresentar a evolução da população nos kibutzim em Israel ao longo dos anos, demonstrando variações no número de kibutzim e na quantidade de pessoas que habitam essas comunidades.

Tabela 1 – População do kibutz:

Year	No. of kibutzim	Kibutz Population
1910	1	
1920	12	805
1930	29	3,900
1940	82	26,500
1950	214	67,500
1960	229	77,950
1970	229	85,100
1980	255	111,200
1990	270	125,100
2000	268	117,300

Fonte:

<https://www.jewishvirtuallibrary.org/history-and-overview-of-the-kibbutz-movement>

4.2 O que são e como funcionam os kibutzim

Os kibutzim possuem uma estrutura organizacional única, caracterizada por um forte sentido de coletividade e igualdade econômica e social entre seus membros. A maioria dos kibutzim segue um plano semelhante de organização, que visa garantir o bem-estar e a satisfação de seus membros. Parte desta descrição do kibutz provém de minha própria experiência de ter morado em um durante 4 meses no ano de 2017. Outra parte provém da visita realizada neste janeiro de 2023 e de fontes públicas que consumo regularmente através das mídias.

A área residencial do kibutz é composta por casas construídas num padrão similar com a finalidade de acomodar as famílias dos membros. As casas possuem diferentes

tamanhos e são distribuídas igualmente entre os membros, de acordo com o número de indivíduos na família, independentemente de sua posição social ou cargo dentro do kibutz.

O refeitório é uma das instalações comunitárias mais importantes do kibutz, pois é onde os membros fazem as refeições juntos. As refeições são preparadas por cozinheiros contratados ou pelos próprios membros, dependendo do kibutz. A comida é geralmente saudável, nutritiva e servida em estilo buffet. O refeitório é também um local onde os membros se reúnem para conversar e compartilhar suas experiências do dia a dia.

Outras instalações comunitárias incluem auditório, biblioteca, piscina, quadras de esporte, clínica médica, lavanderia, mercearia, entre outros. A clínica médica oferece serviços de saúde para os membros e suas famílias. Na lavanderia, os moradores depositam suas roupas devidamente identificadas com números. Vale apontar aqui que cada morador tem um número de identificação no kibutz que serve para esse tipo de identificação. Há membros do kibutz responsáveis por esse serviço que se encarregam de lavar, secar e passar as roupas, entregando-as diretamente aos seus proprietários devidamente limpas e cuidadas. A mercearia (kolbo) oferece produtos alimentícios e outros itens básicos para os membros comprarem.

Todos esses espaços foram criados e pensados com o objetivo de facilitar a vida diária dos moradores. A existência dessas instalações é fundamental para a promoção do convívio social e o fortalecimento dos laços comunitários nos kibutzim, que valorizam o trabalho em equipe e a cooperação entre seus membros.

Além disso, o kibutz possui instalações para a produção de bens e serviços, como galpões para gado (refet) e fábricas industriais. Os campos agrícolas são outra fonte de produção e renda para o kibutz. Localizados ao redor do perímetro, a uma curta distância de trator, esses espaços produtivos são utilizados para a produção de alimentos e outros produtos agrícolas. Essas atividades produtivas são realizadas pelos próprios membros, que trabalham coletivamente para garantir a sustentabilidade econômica do kibutz.

A tomada de decisões no kibutz é realizada de forma democrática, por meio de assembleias gerais sistemáticas de todos os seus membros. Nessa instância, os membros formulam políticas, elegem oficiais, autorizam o orçamento do kibutz e aprovam novos membros. Essa forma de gestão garante que todos os membros tenham voz e participação ativa nas decisões do kibutz.

Além disso, o kibutz possui comitês eleitos que lidam com áreas específicas, como habitação, finanças, planejamento de produção, saúde e cultura. Os presidentes desses comitês, juntamente com o secretário (que ocupa a posição mais alta no kibutz), formam o executivo do kibutz (Hanagá). Dessa forma, a estrutura organizacional do kibutz é construída

em torno de valores como cooperação, igualdade e participação democrática, que visam garantir o bem-estar e a realização dos membros, bem como a sustentabilidade econômica e social da comunidade.

Os kibutzim têm um forte incentivo para a educação e a cultura como pilares importantes de suas comunidades. Eles geralmente possuem escolas primárias e secundárias, bem como creches para os mais jovens. Além disso, muitos kibutzim possuem bibliotecas e museus para enriquecer a vida cultural de seus membros. Hoje em dia, a educação nos kibutzim continua sendo caracterizada por uma abordagem cooperativa e comunitária, que valoriza a aprendizagem em grupo e a responsabilidade social.

Segundo Epstein e Schwartz (2014), a educação kibutziana é baseada em um modelo de ensino colaborativo, que busca promover a cooperação, a solidariedade e a responsabilidade social entre os alunos. O ensino é organizado em grupos, que geralmente têm um tamanho pequeno e alunos de idades variadas, favorecendo a interação e a troca de experiências entre as crianças. Além disso, as escolas nos kibutzim oferecem uma formação ampla e integral, que inclui não apenas o ensino de matérias convencionais, mas também a formação em agricultura, ecologia e sustentabilidade, que são considerados fundamentais para a vida em comunidade. De acordo com Kfir (2019), a educação kibutziana também tem passado por transformações importantes nas últimas décadas, em resposta às mudanças sociais e culturais na sociedade israelense.

A educação é altamente valorizada nos kibutzim, e muitos membros têm acesso a treinamentos e oportunidades de aprimoramento educacional para que possam desempenhar funções específicas dentro da comunidade. Por exemplo, os membros podem receber treinamento para trabalhar na produção agrícola, na manutenção das instalações industriais ou em outros trabalhos especializados.

Além disso, os kibutzim valorizam a cultura e a arte, e muitos têm grupos de teatro, corais, bandas e outras atividades culturais para seus membros. Essas atividades culturais são vistas como importantes para a qualidade de vida dos membros, bem como para o fortalecimento da comunidade.

A filosofia educacional dos kibutzim geralmente enfatiza a igualdade de oportunidades educacionais e a educação para a cidadania responsável. Eles acreditam que a educação deve ser voltada para a formação de indivíduos críticos e participativos, que possam contribuir ativamente para a comunidade e para a sociedade em geral. Embora haja escola de educação formal dentro do kibutz, pode-se observar a riqueza da experiência de viver em um kibutz e do quanto essa própria imersão é educativa em si mesma.

Dessa forma, a ênfase na educação e na cultura dentro dos kibutzim é vista como um meio de desenvolvimento pessoal, de promoção da igualdade e da justiça social, bem como de fortalecimento da comunidade como um todo. Os kibutzim, por sua vez, buscaram criar um modelo de organização social que pudesse servir como exemplo para toda a sociedade israelense.

4.3 Percepção da vivência no kibutz

Este tópico tem como objetivo analisar as percepções dos entrevistados sobre a experiência de vida no kibutz. Para isso, serão apresentados relatos sobre as vivências e experiências dos entrevistados, a fim de compreender a importância e influência que essa forma de organização social teve em suas vidas. Através da análise desses relatos, busca-se identificar as principais características e valores que marcaram a experiência dos entrevistados, bem como compreender como essas percepções influenciaram suas trajetórias pessoais e profissionais. Ademais, o capítulo também tem como objetivo contribuir para o entendimento das mudanças sociais e culturais que ocorreram nos kibutzim ao longo do tempo, e como essas transformações impactaram as experiências e percepções dos seus membros.

Os relatos dos entrevistados destacam a influência positiva da vivência nos kibutzim na vida deles, principalmente em relação à educação kibutziana. A educação coletiva e a convivência em grupo desde a infância permitem muita socialização, ensinam a viver em grupo e oferecem muitas ferramentas sociais. O método dos temas, vivenciado por um dos entrevistados, em que todo ano é dedicado a um tema diferente, ajudou a tornar o aprendizado mais significativo e prazeroso, deixando marcas e lembranças para a vida.

A educação kibutziana é frequentemente descrita como uma educação para a socialização e o trabalho em grupo. Os entrevistados destacam que essa educação os ensinou a viver em comunidade e a lidar com as diferenças, além de desenvolver habilidades sociais importantes para o convívio em grupo. Além disso, a educação kibutziana é caracterizada como uma educação para a atuação social, a consciência política e a responsabilidade individual e coletiva. A mesma é considerada por muitos como uma educação revolucionária e inspiradora, que influencia outras práticas educacionais ao redor do mundo e é vista como uma alternativa às práticas escolares tradicionais. A.G, um dos entrevistados, enfatizou que a cultura kibutziana inspirou toda a teoria, princípios e práticas dos movimentos juvenis atuais.

Ele acrescentou que a influência da educação não formal é tão profunda que tem sido um modelo para a formação de líderes comprometidos e críticos em todo o mundo.

Outro aspecto importante mencionado pelos entrevistados é a importância da participação ativa e da responsabilidade coletiva na vida do kibutz. Eles destacam que essa vivência influenciou diretamente a forma como se veem como adultos e como cidadãos engajados na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para A.G. a experiência mais marcante foi o período em que participou do estudo educativo do Hashomer Hatzair, um movimento juvenil que promove a atuação social, a consciência política e a responsabilidade social entre os jovens. Durante esse período, os jovens saíram de casa e viveram em um local semelhante a um kibutz, porém somente com jovens, coordenando e planejando todo o ambiente. Os educadores acompanhavam os jovens, mas eles eram responsáveis por tudo e aprendiam a ter muita responsabilidade e confiança em si mesmos. Essa experiência única e engrandecedora ajudou a formar o senso de responsabilidade e empatia do entrevistado, influenciando positivamente em suas escolhas de vida.

Além disso, os entrevistados também destacam a importância do valor da solidariedade e da ajuda mútua que permeia a vida nos kibutzim. Eles enfatizam que, mesmo em um ambiente de recursos limitados, todos têm acesso aos mesmos bens e serviços, e que a colaboração e o apoio mútuo são fundamentais para o sucesso do coletivo. Além disso, a fala dos entrevistados também reforça a ideia de responsabilidade e participação ativa nas decisões da comunidade kibutziana. Segundo M.A, a vivência no kibutz influenciou muito em sua formação, já que lá as crianças são incentivadas desde cedo a assumir responsabilidades e se sentirem como adultos. Ele afirma que existe uma falta de consciência em outros lugares do mundo, onde as crianças são vistas apenas como receptores de conhecimento. Além disso, M.A destaca que a participação ativa das crianças no kibutz é semelhante à dos movimentos juvenis em Israel, sendo que muitos desses movimentos fazem parte do movimento kibutziano. Tais afirmações mostram como a educação kibutziana valoriza não apenas a colaboração e a solidariedade, mas também a participação ativa de todos na tomada de decisões e na construção da comunidade.

A análise das declarações dos entrevistados mostra que a educação kibutziana teve um impacto significativo em suas vidas, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades sociais, políticas e de responsabilidade individual e coletiva. Embora a educação kibutziana tenha perdido força nas últimas décadas, as escolas democráticas surgiram como uma extensão dessa corrente e, hoje em dia, ocupam um espaço significativo na educação

israelense. Porém, é importante destacar a importância desses modelos de educação não formal, que oferecem aos jovens experiências únicas e transformadoras, influenciando positivamente suas escolhas de vida e sua atuação na sociedade.

4.4 Movimentos juvenis e educação não formal

Este tópico busca analisar a importância da educação não formal dentro dos movimentos juvenis judaicos, principalmente no Habonim Dror. Para isso, serão apresentadas informações baseadas no Estatuto do movimento, disponível online, assim como a vivência de 12 anos como membro do mesmo. Serão abordadas as principais características e valores que permeiam o movimento, bem como a sua importância na formação e desenvolvimento dos jovens. Além disso, será explorado como a educação não formal pode influenciar positivamente na vida pessoal e profissional dos indivíduos, e como essa formação pode contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Os movimentos juvenis têm uma longa história de influência e engajamento social em todo o mundo, especialmente em tempos de grandes mudanças políticas e sociais. No contexto judaico, esses movimentos assumiram um papel importante na formação da identidade judaica dos jovens, bem como na construção de um senso de comunidade e engajamento com as questões sociais e políticas relevantes. Desde o início do século XX, os movimentos juvenis judaicos foram estabelecidos em todo o mundo e têm sido uma força importante no desenvolvimento de jovens líderes engajados e comprometidos em fazer a diferença em suas comunidades.

No Brasil, assim como em outros países, são compostos por diversos grupos, cada um com sua própria ideologia e prática educativa. Esses movimentos procuram promover uma educação judaica progressista e engajada, que valorize tanto a tradição judaica quanto os valores democráticos e a justiça social. Eles desempenham um papel importante na formação da identidade judaica e no fortalecimento da comunidade judaica no Brasil, bem como no resto do mundo.

O Habonim Dror é um movimento juvenil judaico que tem como objetivo educar jovens de 6 a 21 anos para se tornarem adultos engajados, comprometidos e responsáveis com a sociedade e com os valores judaicos. A organização é baseada no modelo educativo não formal, que enfatiza a aprendizagem pela vivência e pela prática. A estrutura do Habonim Dror é baseada em snifim (sedes), que são grupos locais de jovens, organizados por faixa etária e que se encontram regularmente (uma vez por semana) para atividades e discussões. Os snifim são

liderados por madrichim (líderes), jovens adultos que foram treinados e capacitados pelo movimento para orientar e educar os membros mais jovens.

Os snifim (sedes) possuem hanagot (diretorias), que são responsáveis por atividades e projetos maiores, que envolvem todos os snifim do Brasil. Existe também uma Hanagá Artzi (diretoria nacional) liderada por jovens adultos mais experientes, que são responsáveis por planejar e executar projetos que envolvam todos os membros do Brasil.

O Habonim Dror também possui machanot (acampamentos), que são eventos de longa duração (entre 4 e 7 dias) em que os membros se encontram para viver juntos e aprender sobre diversos temas relacionados à ideologia do movimento. As machanot são lideradas por madrichim e bogrim, que são responsáveis por planejar e executar as atividades e programas.

O movimento juvenil Habonim Dror é baseado no conceito de que jovens educam jovens e, por isso, a educação não formal é a chave para o seu funcionamento. As atividades são planejadas de forma a estimular a participação ativa dos membros, encorajando-os a expressar suas opiniões, a debater e a trabalhar em grupo. De acordo com o Estatuto do movimento,

O Habonim Dror é um movimento juvenil judaico sionista socialista chlutziano kibutziano que se considera parte integrante do Movimento Kibutziano Israelense. Este está baseado no conceito de que jovens educam jovens criando juntos um marco organizado com fins ideológicos e educativos. (HABONIM DROR, 2010, p. 1)

As atividades incluem jogos, discussões, oficinas, acampamentos, projetos sociais, entre outros, sempre com o objetivo de promover a aprendizagem pela vivência e pela prática. A ideologia do movimento é transmitida aos membros de forma a instigar neles o compromisso com os valores judaicos e sionistas-socialistas.

A estrutura de trabalho e organização do movimento são baseados em uma Tora Educativa, que serve como base fundamental na educação da Tnuá (movimento). Esse documento foi criado para definir os pilares e bases fundamentais da educação do movimento, com o objetivo de tornar a educação transmitida pelo Habonim Dror melhor. Diversos autores e suas teorias são citados como referência bibliográfica para a educação e formação dos jovens na organização. Além disso, a Tora Educativa é uma ferramenta que serve como inspiração para todos os chaverim (membros) da tnuá, sendo não apenas um método educativo, como também uma proposta de atuação a ser incorporada pelo chaver (membro).

Os valores e ideologias do Habonim Dror incluem a crença em várias formas de educar e o entendimento de que cada chanich (participante) absorve o que foi passado de uma maneira diferente. O movimento tem como objetivo transmitir suas ideias e valores por meio de diversos projetos educativos, como o Projeto Hagshem, que funciona a partir dos doze anos de idade e realiza atividades baseadas nas ideologias do movimento. Além disso, o Habonim Dror trabalha em demandas sociais.

O movimento também valoriza a autogestão, acreditando que o chanich (educando) é um ser autônomo que tem capacidade de solucionar problemas nos quais esteja envolvido e, de acordo com seu próprio interesse, decidir a atividade que realizará. Além disso, o Habonim Dror acredita na participação ativa dos membros do movimento na tomada de decisões, bem como no desenvolvimento de uma liderança participativa e colaborativa.

Os valores e ideologias do Habonim Dror têm influência na sociedade atual, pois o movimento busca formar líderes críticos, comprometidos e atuantes em questões sociais, políticas e culturais. O Habonim Dror incentiva a formação de jovens capazes de pensar criticamente sobre as questões sociais, envolvendo-se em movimentos sociais e políticos e trabalhando em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, o movimento valoriza a autogestão e a participação ativa dos membros na tomada de decisões, o que pode ser aplicado em diversas esferas da sociedade. Essas ideologias ficam claras no Estatuto do movimento:

Somos Kibutzianos, porque o Kibutz sintetiza todos os valores e as ideologias que cremos em seu modo de vida. Nós acreditamos em uma vida em Kvutzá (grupo), que preserve os valores de liberdade e igualdade e que estimule sempre o sentido da coletividade sem que se abra mão da individualidade que há em cada ser humano. Nós acreditamos na participação da vida em sociedade, onde cada qual deve estar inserido no mundo, trabalhando e lutando pela construção de uma sociedade onde haja maior cooperação e justiça social, onde cada indivíduo possa ter uma vida digna, sem deixar de estar atento ao meio ambiente que habitamos, e não sermos pessoas alheias a realidade do mundo que nos cerca. (HABONIM DROR, 2010, p. 2)

A Torá Educativa apresenta uma visão sobre a relação educador-educando, a educação problematizadora, a educação como ato político, a educação humanista e a educação de acordo com o desenvolvimento do indivíduo. O método de educação do Habonim Dror enfatiza a importância de considerar a experiência de cada membro, estimulando a curiosidade e criando um ambiente educativo de troca entre as partes. A educação problematizadora busca a reflexão do educando junto ao educador, questionando a realidade e criando uma consciência crítica sobre o mundo. A educação é vista como um ato político, formando sujeitos críticos e ativos no mundo. A educação humanista é centrada no educando,

respeitando as diferenças e desenvolvendo as potencialidades de cada indivíduo. Por fim, a educação é adequada ao desenvolvimento de cada educando, considerando seu amadurecimento biológico, cognitivo e pessoal na relação com o mundo.

O documento destaca vários pontos importantes em relação à educação e formação dos jovens na organização. Um dos principais valores é a prática reflexiva, onde os educadores devem ser exemplos de conduta moral e envolvimento político, criando um diálogo educativo sincero e profundo com os educandos para estabelecer uma confiança mútua. Além disso, a transparência na divulgação de informações é fundamental para a democracia na organização, sendo necessário haver sinceridade naquilo que é dito e publicado. O amor e respeito pelo próximo também são destacados, visto que o educador deve respeitar e ter compromisso com a liberdade e o bem-estar da pessoa que está na sua frente, compreendendo-a a partir do seu referencial e não em nome de um futuro hipotético. A liberdade e autoridade também são importantes, onde os educadores devem garantir a liberdade de cada educando e agir de maneira não coercitiva ou violenta, estimulando a autogestão dos mesmos.

Em conclusão, pode-se afirmar que a educação não formal é um aspecto fundamental dentro dos movimentos juvenis judaicos, especialmente no Habonim Dror. Esse movimento se destaca por sua ênfase na aprendizagem pela vivência e pela prática, procurando educar jovens para se tornarem adultos engajados, comprometidos e responsáveis com a sociedade e com os valores judaicos. Ao promover uma educação judaica progressista e engajada, que valorize tanto a tradição judaica quanto os valores democráticos e a justiça social, o movimento desempenha um papel importante na formação da identidade judaica e no fortalecimento da comunidade judaica no Brasil e em todo o mundo. Dessa forma, a educação não formal é uma ferramenta fundamental para desenvolver líderes comprometidos em fazer a diferença em suas comunidades e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Kibutzim são comunidades coletivistas baseadas em princípios socialistas e cooperativos, fundadas em Israel a partir do início do século XX. Essas comunidades possuem uma estrutura social própria, em que todos os membros trabalham em prol do bem comum e compartilham a produção e os recursos. Além disso, têm um forte compromisso com a educação e a cultura, especialmente a educação não formal.

Dentro dos Kibutzim, a educação não formal é vista como uma forma de educar os jovens para a vida em comunidade, promovendo valores como solidariedade, cooperação, igualdade e justiça social. A educação não formal é uma educação mais livre, espontânea e voltada para a prática. Os membros do kibutz participam de atividades educativas que visam formar pessoas responsáveis, críticas e atuantes na sociedade.

A educação não formal nos Kibutzim busca formar pessoas engajadas, capazes de analisar a realidade e buscar soluções para os problemas sociais. É uma educação que se dá por meio da prática, da vivência e da experiência. As atividades desenvolvidas são voltadas para a prática da cooperação, da solidariedade e do trabalho em equipe.

A influência dos kibutzim dentro dos movimentos juvenis, no que tange à educação não formal, está relacionada à sua concepção de educação como um processo mais livre, espontâneo e voltado para a prática, que acontece naturalmente desde o início da vivência nesses ambientes. Essa concepção tem sido utilizada pelos movimentos juvenis, como o Habonim Dror, para formar jovens engajados, críticos e comprometidos com a sociedade e com os valores judaicos. Nesse sentido, a educação não formal é uma ferramenta importante para o desenvolvimento de líderes comprometidos em fazer a diferença em suas comunidades e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Em resumo, os kibutzim e os movimentos juvenis utilizam a educação não formal como um meio de educar os jovens para a vida em comunidade e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nos ambientes mencionados, a educação não formal tem como objetivo desenvolver indivíduos críticos e comprometidos, capazes de avaliar a realidade e encontrar soluções para os desafios sociais. Essa concepção de educação pode ser utilizada em vários contextos para fortalecer grupos de jovens na entrada da vida adulta, tornando-os motivados, com propósitos e valores, e engajados numa vida adulta de cidadania.

Ao longo deste trabalho, foi possível identificar a influência dos kibutzim nos movimentos juvenis, em particular no que diz respeito à educação não formal. Verificou-se que a educação não formal nos kibutzim é concebida como um processo mais livre,

espontâneo e voltado para a prática, que acontece naturalmente a partir da vivência nestes ambientes. Esta concepção tem sido utilizada pelos movimentos juvenis, como o Habonim Dror, para formar jovens críticos e comprometidos, engajados na sociedade e nos valores judaicos.

Embora a população kibutziana continue a ser significativa, com um grande número de kibutzim ainda existentes, a educação kibutziana tem perdido força nas últimas décadas devido a uma série de fatores externos. Com a ascensão de um mundo cada vez mais capitalista, os valores coletivistas e de igualdade que eram tão importantes para os kibutzim originais foram gradualmente diminuindo. Além disso, mudanças sociais e culturais em Israel também contribuíram para essa diminuição ideológica. No entanto, as escolas democráticas têm surgido como uma alternativa viável, incorporando os valores de autogestão e democracia que eram tão importantes para os kibutzim, e ocupam agora um espaço significativo na educação israelense.

No decorrer da elaboração deste trabalho, deparei-me alguns desafios, tais como a limitação do acesso a determinadas fontes e a escassez de material em língua portuguesa sobre o tema. No entanto, foi possível superar esses obstáculos por meio da utilização de fontes em língua estrangeira e da consulta com especialistas no assunto.

Dessa forma, recomendamos que novos estudos sejam realizados acerca da educação não formal nos kibutzim e nos movimentos juvenis, a fim de aprofundar a compreensão sobre essa temática e ampliar o conhecimento sobre as experiências coletivistas. É importante destacar a relevância dessas comunidades para o desenvolvimento humano e social, uma vez que a educação não formal promovida nestes ambientes pode ser aplicada em outros contextos, colaborando para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- AVINERI, Shlomo. Sionismo como uma revolução. *In: MILGRAM, Avraham. (Ed.).* **Fragmentos de memórias**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2010. p. 11-19.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BARROS, Aidil Jesus Da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida De Souza. *In: Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica*. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- DE PAULA, Maria Helena Grohmann Rodrigues. Panorama atual da educação em Israel. *In: Revista de Estudos Universitários - REU*, v. 22, n. 2, p. 19-50, 1996.
- DICICCO-BLOOM, Barbara; CRABTREE, Benjamin F. The qualitative research interview. *In: Medical education*, v. 40, n. 4, p. 314-321, 2006.
- EPSTEIN, D.; SCHWARTZ, M. Education in the Israeli Kibbutz: A Historical Overview. *In: Journal of Educational Administration and History*, v. 46, n. 3, p. 293-311, 2014.
- FRANCE. **La Constitution de la V République**. Paris: Gualino, 2012.
- HABONIM DROR. **Estatuto do Habonim Dror Snif Rio de Janeiro**, 2010. Disponível em: <<https://habonimrio.wordpress.com/estatuto/>>. Acesso em: 05 de Março de 2023.
- HIRSCH, Ellen. **Realidades de Israel**. São Paulo: Centro de Informações de Israel, 1996.
- KFIR, I. Education in the Kibbutz: From the Collective to the Individual. *In: European Journal of Education*, v. 54, n. 3, p. 347-358, 2019.
- MARQUES, Luciana Fernandes. Aprendendo sobre educação com a filosofia Madhyamaka. *In: PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP*, v. 12, n. 30, p. 369-382, 2021.
- NASCIMENTO, Luciana de Cassia Nunes, et al. **Theoretical saturation in qualitative research: an experience report in interview with schoolchildren**. *In: Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 71, n. 1, p. 228-233, 2018.
- OZ, Amos. **Entre amigos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- PINSKY, Carla Sílvia Beozzo Bassanez. **Pássaros da liberdade: jovens judeus sionistas socialistas; rapazes e moças do movimento Dror (1945-1960)**. São Paulo: Editora Contexto, 1999.
- PUOSSO, Desirée Garção et al. **As normativas internacionais de direitos humanos na fundação do estado de Israel e o conflito Israel-Palestina**. 2021.

SCHULTZ, Rachael. **The Kibbutz Movement:** the proud and turbulent history of Israel's experiment in communal living. My Jewish Learning, 2018. Disponível em: <<https://www.myjewishlearning.com/article/the-kibbutz-movement/>>. Acesso em: 07 de Março de 2023.

SOUZA, Graziella P.O.; MAIA NETO, Francisco. O desenvolvimento econômico de Israel na perspectiva dos kibutzim. *In: ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*, v. 1, n. 1, 2005.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACED - FACULDADE DE EDUCAÇÃO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Gostaríamos de solicitar sua autorização para a sua participação na pesquisa intitulada **“Os kibutzim e a educação não formal nos movimentos juvenis judaicos”**, realizada pela aluna Roberta Leistner Segal como parte da Graduação no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com orientação da professora Luciana Marques Fernandes.

O objetivo da pesquisa é descrever o panorama atual dos kibutzim em Israel e alguns dos seus antecedentes históricos, analisando a sua influência em um movimento juvenil judaico, no que tange à educação não formal visando elucidar suas principais contribuições para a formação destes jovens.

A pesquisa será realizada através de uma entrevista dirigida. A colaboração dos participantes se dará a partir dessas entrevistas, feitas com educadores de diversos ambientes educacionais, principalmente movimentos juvenis judaicos. Após a conclusão da pesquisa, este material será guardado no arquivo pessoal da pesquisadora. Tanto o material de áudio como as entrevistas escritas não serão identificados para evitar a exposição dos participantes e serão mantidos sob sigilo, e as informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais.

A participação do entrevistado não é obrigatória e ele poderá desistir da participação a qualquer momento, caso sinta-se ou desconfortável com o tipo de pergunta ou com os registros realizados.

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Endereço: Av. Paulo Gama, s/n, Faculdade de Educação - Prédio 12201 – Porto Alegre/RS

Contatos da pesquisadora – Email: robertasegal@gmail.com

Telefone: 51 994241615

Eu,.....

..... declaro que fui devidamente esclarecido e concordo com a minha participação na

pesquisa acima descrita, assim como autorizo a realização de gravações de áudio das entrevistas ao longo da pesquisa e a utilização destas para os fins propostos no projeto.

Assinatura

Documento de Identificação

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

Roteiro a seguir a cada entrevista:

1. Explicar sobre o que é o estudo, do que se trata
2. Comentar sobre Procedimentos éticos: sigilo, confidencialidade dos dados, nomes alterados nas publicações (solicitar assinatura do TCLE)
3. Caracterização dos entrevistados: idade, sexo, país de residência atual, formação (onde estudou), profissão ou trabalho ou ocupação, se tem afiliação religiosa, se tem filhos, onde estudam...
4. Como foi sua experiência de viver e/ou crescer em um kibutz; se estudou lá; como acha que a evolução histórica dos kibutzim influenciou (e se influenciou) a educação não formal atual em Israel e fora?
5. Qual a influência/interrelação dos Kibutzim no panorama da educação não formal atual, principalmente movimentos juvenis?
6. Como o contexto histórico de Israel influenciou a educação comunitária que se tem hoje (em Israel e fora)?